

Do amor tão cênico à minha terra: Petrolina



Leidson Ferraz, ao lado da atriz Fátima Pontes, no espetáculo *Olivier e Lili: Uma História de Amor em 900 Frases* (2012), do Teatro de Fronteira, em trecho que recordava sua infância em Petrolina. Crédito: Camila Sérgio/Sobrado 423.

Com oito anos, ao ser levado por meus pais a assistir a grandiosa encenação da *Paixão de Cristo da Nova Jerusalém*, dirigida por José Pimentel no município do Brejo da Madre de Deus, descobri que abraçaria o teatro por toda a vida. Tanto que no ano seguinte já escrevi, dirigi e interpretei três personagens numa *Paixão de Cristo* que produzi nas ruas próximas à minha casa, bem ao centro de Petrolina, junto a dezenas de amigos da infância. Foi ali que me iniciei na vida artística, ainda sem conhecer bem o que se fazia nos palcos. No Colégio Auxiliadora, onde estudava, lembro do impacto que um grupo itinerante de evangelização me causou com suas músicas, danças e representações. Naquela instituição de ensino, durante as gincanas culturais anuais, comecei a me exhibir publicamente e, certa vez, “brilhei” numa imitação do Renato Aragão. Guardo até hoje duas fotos muito mal tiradas.

Brincando em casa, eu escrevia num caderno cenas de novelas que podiam virar teatro, mas foi a febre do grupo musical porto-riquenho Menudo que me transformou num “artista”. Fundei o primeiro núcleo cover com meninos – até então, por puro preconceito, só garotas tinham a chance de imitá-los –, ganhamos dinheiro em festas de aniversário e até vencemos um concurso no Cine Massangano, hoje Centro Cultural Colégio Dom Bosco. Somente a partir de 1988, quando passei a morar no Recife, pude acompanhar espetáculos com assiduidade. No entanto, lembro que ainda em Petrolina, junto a familiares, presenciei a *Paixão de Cristo* do Guterima (Grupo de Teatro Imaginativo), apesar da dificuldade em ver as cenas pela enorme quantidade de gente.

Já profissional, finalmente tive a chance de me apresentar para o público petrolinense. Foi emocionante adentrar na cidade, em ônibus fretado, junto ao elenco do *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, sob direção de Marco Camarotti, pela Dramart Produções, após anos sem visitar minha terra e fui à casa dos amigos para que marcassem presença. Não lembro o ano, mas a sessão que fizemos, com casa cheia no ainda não reformado Teatro do SESC (hoje Dona Amélia), me deixou marcas indeléveis. Era o menino que sonhava ser artista voltando ao seu lugar e numa peça aclamada em vários lugares do país. Algum tempo depois, retornei com o infantil *Badulaques & Salamaleques*, de Antônio Guinho, dirigido por José Manoel Sobrinho – com o qual ganhei prêmio de ator coadjuvante no festival Janeiro de Grande Espetáculos –, e desta vez tive primos e sobrinhas pequenos rindo e me aplaudindo.

Estas foram as únicas possibilidades de me exibir como ator em Petrolina, atividade que deixei de lado desde que me envolvi com a história do teatro. Por falta de outros convites, ainda consegui lançar os dois primeiros livros da coleção *Memórias da Cena Pernambucana* no 3º Festival de Artes do Vale do São Francisco – Aldeia do Velho Chico, em agosto de 2007, graças à sensibilidade da então Técnica de Artes do SESC, Galiana Brasil, que sabia do quão importante era voltar ao meu berço compartilhando mundos artísticos. E agora, por conta de um chamado da Pipa Produções, através do projeto *Cena, Café e Conversa*, com curadoria de Adriano Alves e Thom Galiano, sou instigado a refletir não só sobre esta minha trajetória, mas, principalmente, o que conheço da história teatral petrolinense. E aqui, preciso fazer uma confissão, pela dívida que tenho com a minha cidade, já que esta é a primeira vez que escrevo sobre o meio cênico do lugar onde nasci.

É verdade que nas aulas que ministrei no Curso de Interpretação Para Teatro dos SESC's Piedade e Santo Amaro, sempre abordo a carreira de grupos da terra, mas lamento que a Feteape (Federação de Teatro de Pernambuco) não tenha tido verba, em 1998, para convidar uma atração do município quando fez o projeto que deu origem à minha coleção de quatro livros. Por conta disso, Petrolina nunca ganhou um registro histórico pelas minhas mãos e faz tempo que já venho tentando articular a possibilidade de termos uma edição especial neste interior que margeia o rio São Francisco. Eis um sonho que preciso realizar. Afinal, ainda sei pouco da sua produção cênica, mesmo já tendo acesso às informações que passo agora a compartilhar.

Em 1978 foi fundado o Grupo de Teatro Paulo Autran, determinante para a popularização do movimento cênico na região do Vale do São Francisco, uma ousadia do petrolinense Antônio André Pereira Filho. Tanto que, de 29 de novembro a 6 de dezembro de 1981, por conta deles, foi promovido o I Simpósio de Teatro de Petrolina. Além de apresentações de lá e de fora, houve distribuição de prêmios, curso e leitura dramatizada, com destaque ao autor local Luiz Alberto Teles Lima com a peça *O Drama de um Povo Engolido Pelas Águas*. Da produção nos palcos, sei apenas de um auto pastoril, *O Galo Natal*, exibido na Concha Acústica durante as festividades natalinas, e que nomes como Antônio Justino, Maria de Fátima Pereira, Eudete Pereira, José Geraldo Rodrigues e Haroldo Rodrigues também fizeram parte da sua história.

Numa outra geração inquieta, já entre as décadas de 1980 e 1990, vem a turma de Beto Binga – ainda um importante produtor local –, Edvaldo Franciulli, Marta Verônica, Maria Elena Alencar, Cássio Lucena e Hilton Azevedo, com espetáculos como *A Aurora da Minha Vida*, de Naum Alves de

Souza, e *Hoje é Dia de Rock*, de José Vicente, este último dirigido pelo convidado do Recife, Antônio Cadengue. Ainda em 1989, muito inspirado pelo veterano Teatro de Amadores de Pernambuco, surge o GRUTAP, Grupo de Teatro Amador de Petrolina, com *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, ocupando o Cine Petrolina, espaço que hoje, infelizmente, é uma sucursal da Igreja Universal. Na sequência, o grupo liderado por Domingos Soares preparou versão do *Auto da Compadecida*, em 1991, e esta bela história persiste até hoje, já como Teatro Popular de Arte (TPA), um dos conjuntos mais longevos da cena pernambucana.

Também em 1991, com a inauguração do SESC Petrolina, novas perspectivas se abriram e diversas outras equipes importantes nasceram, ligadas ou não à instituição, como o Grupo de Teatro do SESC, inicialmente sob a coordenação de Sebastião Simão Filho, que montou, entre outras peças, *Homens de Papel*, de Plínio Marcos – meu primeiro contato com uma realização cênica petrolinense, após anos afastado da cidade –, e *A Bruxinha Que Era Boa*, de Maria Clara Machado; a Cia. Máscaras de Teatro, também liderada por ele e que há décadas radicou-se no Recife; a Trup Errante, com Thom Galiano à frente de trabalhos como *Pararupara – Brincando de Montar*, *Fabulosas Histórias do Rio São Francisco* e *A Dona da História*, para lembrar três das encenações que apreciei; e a Cia. Biruta de Teatro, com Antônio Veronaldo, Cris Crispim e Juliene Moura aprontando mil e umas para a meninada, com destaque à premiada *Chico e Flor Contra os Monstros na Ilha de Fogo*. São tantos detalhes a registrar, que só mesmo num projeto mais amplo para abordar o tão intenso movimento teatral dessa terra linda que trago no meu coração desde pequenininho. Mas ele virá!

Leidson Ferraz

Doutorando em Artes Cênicas pela UNIRIO (RJ), Mestre em História pela UFPE, jornalista formado pela Universidade Católica de Pernambuco, historiador, professor, crítico, ator, curador e pesquisador do teatro com vários livros já lançados, além da organização de acervos. É natural de Petrolina, mas desde os 14 anos mora no Recife. Contato: leidson.ferraz@gmail.com.